

**“MULHER, FANTASIA E REALIDADE
SEGUNDO MACHADO DE ASSIS”
“D. Conceição”**

SOUZA, Maria Dilza de
e-mail: dilzadesiree@bol.com.br

OLIVEIRA, Jeusinete Paula de (orientadora)
Graduada em Letras Português-Inglês, Especialista em Crítica Literária, Prof^ª do
Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT
e-mail: jpdo@infonet.com.br

RESUMO

Machado de Assis, em suas obras, aborda o perfil psicológico dos personagens femininos, despertando a atenção do leitor a fim de que possa descobrir nas entrelinhas as reflexões, os mistérios, segredos, tristezas, fantasias, os sonhos e conflitos íntimos dessas mulheres, as quais estavam além do contexto social da época, ou seja o Realismo. O presente trabalho tem como objetivo o incentivo de leituras minuciosas, com o intuito de identificar o que revela uma mulher através da cortina aparente em que ela esconde o seu verdadeiro “eu” “**D. Conceição**”, personagem presente no Conto “Missa do Galo”, do livro Contos Escolhidos, apresenta um perfil psicológico que apesar de camuflado, ficam subtendidos as expressões de medos e desejos que serão relatados através de gestos, palavras e ações, as quais despertam insinuações com duplos sentidos.

Palavras-Chave: Mulher, perfil, sentimento, sociedade, psicológico.

INTRODUÇÃO

Machado de Assis e o Realismo, um período em que marcou o início de uma reflexão e mudanças no começo do século XIX, a oposição ao romantismo que se desdobrou em algumas tendências gerais e chega ao Realismo e o Naturalismo através de um processo cronológico constituído basicamente em rejeitar o idealismo das narrativas românticas. Seus seguidores preconizavam maior realidade e descrição dos costumes em geral, nas relações entre os sexos em particular, bem como um senso convencional no estilo e na análise dos caracteres.

O traço diferente que predominou em muitos escritores a partir dos anos de 1860 e 1870, foi o que se chamou Naturalismo, termos que é também aplicável as obras de várias épocas, mas que recebeu um sentido próprio e de certo modo sob a influência das ciências naturais. Nesse sentido, naturalismo significa o tipo de realismo que procura explicar cientificamente a conduta e o modo de ser dos personagens por meio dos fatores externos, da natureza biológica e sociológica a qual condiciona a vida humana. Na literatura, o aparecimento das tendências de observação da realidade, se manifestando de maneira mais acentuada desde o começo da ficção romântica. Machado de Assis – Representa o exemplo mais perfeito que temos de equilíbrio entre o homem e o escritor, preenchendo uma vida harmoniosa e fecunda, tanto em termos de relações humanas quanto de criação literária. Resultou daí uma obra definida por uma linha ascendente uniforme, em consonância com a conduta, com o prestígio, o respeito e admiração do que se fez merecedor.

Toda essa realização é o esteio das criações do ficcionista Machado de Assis era um cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, ou seja, o autor de ensaios, e como um grande pensador, que se dedicava à observar o ambiente social e

intelectual que de uma forma ou de outra, fazia parte de seu cotidiano. Nesse período, estava florescendo um rico e diversificado, acontecimentos em todos os sentidos, o qual se qualifica como um instrumento de aceitação cultural integrante na vida humana. No Realismo, o homem romântico surge como expressão de uma nova ordem social, moral religiosa e econômica.

Em suas experiências individuais mergulha no clima do momento sendo uma síntese desse próprio momento para se encontrar no domínio comum do “eu”. A vitória da liberdade sem perder o romantismo interior e exterior. Seus conflitos antigos se defrontam com o mundo atual e real. E como não podemos deixar de ressaltar a mulher. O fator principal de toda natureza humana. A mulher é vista numa sociedade dentro de um mundo real para quem a observa. Machado de Assis estudava seu psicológico, a interação com a família, e seus dramas pessoais eram trazidos para literatura através de contos, poemas e romances, como se mostra D. Conceição, que de uma forma indireta, expõe suas vontades e desafetos subentendido em seus desabafos.

Machado de Assis mostra fragmentos da vida real relacionado à vida cotidiana de cada um ou seja, ele conta a essência do nosso povo em linguagem poética, com uma impregnação de elementos populares, onde ele costuma encarnar-se em alguns de suas personagens e buscar no fundo da alma, seus mais íntimos pensamentos, desde seus primeiros romances. Como um homem é capaz pensar quando observa certas atitudes em uma mulher? Porque a mulher tem o poder magnânimo de induzir algo, mesmo que não seja verdadeiro, ela esconde a sua realidade e vive de acordo com que se apresenta a sociedade da época, como se caracteriza o Realismo. As mulheres viviam sob uma “proteção” de si própria, ou seja, dos seus próprios sentimentos, os quais eram tolhidos e ocultos. Os pequenos detalhes, correspondiam aos mais secretos desejos, a quem são direcionados, desde da época das “cantigas de amor”, quando a

mensagem se direcionava à quem de fato se desejava-se dirigir, mesmo sendo os mais íntimos sentimentos.

Em cada perfil de mulher, sempre existe semelhanças relacionado a um problema da vida real. Machado de Assis é um grande crítico e observador, o que às vezes se torna irônico em seus detalhes, sem medo de falar a verdade, em sua ficção, focando uma condição social, assim como uma preocupação relacionada a conduta feminina priorizando a ética moral. A relação familiar deve ser conservada em todos os campos de suas vidas. E por isso a mulher é para a sociedade, um modelo de perfeição, onde sua conduta é inquestionável.

AS MULHERES MACHADIANAS:

Machado de Assis descreve o perfil de uma mulher em um contexto bem mais complexo e incógnito, cheia de mistérios e fantasias. Seu psicológico é sempre um mundo desconhecido, que busca um ideal para viver, e que esse mundo não faz parte de sua vida real. Por isso, a mulher sonha além de suas possibilidades.

O autor passa para o leitor todo o imaginário dessa busca através de subterfúgios, que foca a figura feminina caracterizadas em suas obras. Ele aborda os aspectos psico pessoal desses personagens, mostra uma relação familiar com seus conflitos de consciência e problemas comportamentais, os quais são transmitidos para o leitor como um desabafo que os transporta para o mundo fictício, literário. E dentro desse mundo imaginário é abordado uma preocupação com a conduta priorizando a ética social a qual exige um modelo de perfeição de suas personagens, e que muitas vezes cada um de nós, somos retratados através de um perfil feminino.

Machado define a mulher como um ser inteligente dedicada ao lar, responsável, integrada com o meio social, mas, inteiramente feminina, a qual, apesar de ser submetida aos padrões exigente da época, ela deixava transparecer em seus detalhes sutis e delicados, suas qualidades e defeitos com um estilo nato, o qual só existe em um espírito feminino com características encantadoras que despertam pensamentos múltiplos em quem a observa. Como são descritas, aos olhos de quem não as entendem? E não se preocupa com seu interior? O que elas pensam, sentem, e desejam, para que sejam realmente ser feliz? A satisfação pessoal, amar e ser amada sem prestar contas à sociedade hipócrita. No entanto, Ela esconde a verdade, e deixa que sua vida seja levada pelos padrões pragmáticos dessa época.

D. Conceição, descrita nessa narrativa do autor não deixa de ser essa verdadeira mulher, cheia qualidades e sentimentos que não estão visíveis diante todos, e que esconde uma malícia sutil em seu íntimo. Não é bela, mas, também não é feia, é vista pelo seu “eu” psicológico, como o autor inicia o conto com essa frase enigmática com que insinua várias interrogativas diante do que se propõe o enredo a respeito de “D. Conceição do Conto **A Missa do Galo:** (...) *“Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta”*. (ASSIS, 2002. p.11).

Por que será que um moço, de dezessete anos ficaria tão impressionado com uma simples conversa que tivera há tanto tempo com uma senhora? O enigma da história se passa na cabeça desse jovem rapaz, que é o foco principal dessas observações razão pela qual se fez necessário prestar tanto atenção nos mínimos detalhes dessa senhora. Se ele comenta para si próprio: *Acostuma-se com a situação por fazer jus ao seu título de “santa”*. (...) ASSIS, 2002. p.12. Vejamos:

“(...) Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhos da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não

disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

-Não! Qual! Acordei por acordar. Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoas que acabasse de dormir; parecia não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer." (ASSIS,2002. p. 12-13).

Uma mulher feliz? Ou finge ser forte para impressionar a quem ela deseja que a note? Ou deixa transparecer seus ideais através de seus gestos misteriosos, palavras e ações, para despertar a atenção de quem a veja sem que ela precise falar? Ou ainda será que deseja pedir conselhos e socorro diante de sua grande dor, ou sua tristeza oculta? São tantas as perguntas e tantas conclusões que se faz a respeito do que pensa uma mulher, um homem precisa estar atento aos pequenos gestos em que ela se mostre com o interesse de que ele a veja por dentro.

SEMELHANÇAS NAS PERSONAGENS:

Há diferenças e há semelhanças entre as duas fases literárias de Machado de Assis. Em ambas, o gosto psicológico e a propensão à análise de costumes. O humanismo aparece nas duas fases, embora na primeira não está associado ao pessimismo, sem o travesseiro amargo e mórbido sem a melancolia. Existe também um humorismo facetado, quase alegre, mas, com sentimentalismo romântico, e uma presença de espírito de análise de teor psicológico.

Nos perfis as semelhanças são comuns mas, dependendo de cada leitor, essas interpretações, são percebidas em diferentes aspectos, como as evidências de desejos, tristezas, fantasias e principalmente o preconceito o qual impede a realização dos impulsos e das emoções para

viver com liberdade sua história. Embora corajosa, o medo fala mais alto em sua consciência e a impossibilidade de viver intensamente, essa “liberdade”, suas idéias impedidas apresentando frustrações em seu comportamento, aos quais se manifestam sempre que uma pessoa interioriza seu verdadeiro “eu” para viver o “eu” do autor. Assis, narra detalhes minuciosos, que faz diferença entre um perfil e outro de acordo, com a época em que foram descritos como as observações nos diálogos, que relatam fatos históricos do cotidiano, fazendo um trabalho de conscientização dos fatos existentes da época. Seu método autobiográfico, a observação da realidade, a técnica dramática da narração e a estrutura orgânica, com um enredo pouco rígido dos aspectos psicológico dos personagens, em que mostram problemas de ordem pessoal que reflete um problema como um espelho no íntimo de quem já viveu semelhantes conflitos.

Essa sutileza exposta no contexto passado para leitor, revela uma característica marcante de Machado de Assis, ele chama a atenção para que o mesmo perceba uma relação entre personagem e realidade “estável”, e ao mesmo tempo expor fatos que desperte a curiosidade em buscar mistério, diferenciado nos textos, captando o sentido do enredo.

As aparências de um ser “feliz”, secreto desejo! Talvez o de liberdade e igualdade, de expressar suas queixas, tomar atitudes de resolver seu sofrimento, e dizer um adeus as convenções e aos padrões da sociedade. Ser livre para seguir suas vontades, e seguir seus mais secretos impulsos.

Já na personagem “**Guiomar**” de “A Mão e a Luva”, fica explícita a indecisão entre os três pretendentes, Jorge, Luís Alves e Estêvão, esse último, o qual ela de uma forma ou de outra lhes deu esperanças sem nunca ter revelado sua verdadeira intensão e afeto, e era sempre uma incógnita sua atitude para com esse moço que à amava muito. “(...) *Guiomar, sorrindo, tirou*

a flor do cabelo, e deu-lha; Estêvão recebeu-a com igual contentamento ao que teria se lhe antecipassem o seu quinhão do céu.” (ASSIS, 1997, pg.201).

As heroínas, apesar de serem fortes e determinadas, se submetem a total dedicação em família, que não deixam transparecer a fragilidade oculta em seu íntimo. Elas inspiram confiança e estabilidade no lar, cheia de cuidados e cortesias, muitas vezes sua sensatez é ofuscada, não é percebida, tornando-se incontestável sua conduta perante a sociedade. Transmitindo um papel de personalidade forte acima de qualquer obstáculo. Mas, como todo ser humano, a mulher é sensível e tem desejos, anseios. Aspira uma felicidade, que não se encontra nesses padrões convencionais.

Machado descreve a mulher em um contexto bem mais complexo e incógnito, cheia de mistérios e fantasias. Seu psicológico é sempre um mundo desconhecido, que busca um ideal para viver, e esse mundo não está em sua vida real. Por isso; a mulher sonha, além de suas possibilidades o que fica explícita essa busca pelo ideal de felicidade, contido no perfil psicológico, e todo o imaginário do feminino nas personagens machadianas. As descrições do autor, nos despertam os mais infinitos pensamentos, para que possamos adivinhar o que uma mulher faria na realidade se não existisse os preconceitos, e se elas pudessem falar tudo o que lhes viessem à mente, e tivessem a liberdade de sentirem todas as emoções que desejassem. Mas, ele retrata esse ser sutil, que embora corajoso tem medo de revelar os seus verdadeiros sentimentos diante da posição em que se encontra; porque sua conduta fala mais alto que sua vontade de viver intensamente. Seus desejos e suas fantasias, são contidos no íntimo da alma, onde se encontram camuflados, seus maiores anseios de liberdade. E para viver essa “liberdade” veste-se uma fantasia do “eu” forte e insensível. Suas idéias são tolhidas. Seus ideais não podem ser expostos de forma liberal. Ela se guarda para quem à descobre e compreende sua alma. Observamos:

“(...) Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me: Mais baixo! Mamãe pode acordar. Há ocasiões em que sou como mamãe: acordo, custa-me dormi outra vez, rola na cama, à toa, levanto-me, acendo a vela, passeio, torno a deitar-me, e nada.

-Foi o que lhe aconteceu hoje.

-Não, não, atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das ponto do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança.” (ASSIS, 202. p.14-15).

Ele fala de uma mulher real, e que sente as mesmas necessidades de se manifestar tal como os homens em todos os aspectos; mas, sua condição sócioeconômico, perante a opinião pública, não permite essa liberdade de expressão. Essa mulher problemática, e cheia de conflitos íntimos; no fundo, é possuidora de grandes sacrifícios para sobreviver de acordo com com que a sociedade a exige. A exemplo de outra personagem **Capitu**, do romance “**Dom Casmurro**”, “(…) *Submissa sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas*”. (ASSIS, 1997 p. 210).

Existem sempre um mistério nos personagens femininos machadianos como vimos, ao mesmo tempo que Capitu se apresenta submissa, ele também a chama saudosa, porque em cada detalhe subtendido, fica algo no ar que envolve a quem observa cuidadosamente o que está na verdade implícito no contexto: “(…) *olhos de cigana oblíqua e dissimulada*”. *Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim.*” (ASSIS, 1997 p. 842).

O autor refere-se a mulher como uma pessoa fora dos padrões, reais, ou seja, fora de forma, quando a chama de oblíqua, apesar de já ter enriquecido de todas as formas seu perfil físico. mas, de repente, nos mostra outras forma de interpretação de caráter, a chama de dissimulada. Essa observação se encontra no psicológico descrito com o pseudônimo de “Bentinho” personagem narrador que tem várias visões para enxergar Capitu. E que o leitor deve ter o cuidado de saber diferenciar o autor da ficção criada por ele, como observamos essa outra

citação do mesmo capítulo: “(...) *“Para dizer, o foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram.”*(ASSIS, 2005. p.67).

O que causaram aqueles olhos? Um tipo de sentimento que só quem olha sabe decifrar, os conflitos intimo, o ciúme a insegurança dependendo de quem a vê, provocam pensamentos alados e alucinantes os quais dão uma visão de interpretações variadas. Essa é uma questão para outras pesquisas a respeito de outra interpretação para essa visão da personagem Capitu.

Em se tratando de nossa personagem principal, D. Conceição, o qual é o foco desse trabalho. Observamos:

“(...) D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu... “Não, não, ainda é cedo”. Retocou Conceição “Vi agora mesmo o relógio; são onze e meia. Tem tempo”. (ASSIS, 2002. p.15).” *“A Missa do Galo”* D. Conceição expressa uma frase que vale mais que muitas palavras. O autor descreve um momento especial nesse fragmento, em que pela primeira vez em sua vida D. Conceição tivera um momento só seu, e que seria a oportunidade de ficar a sós um só um instante com um alguém que não fosse seu marido e insinuou que, aquele tempo era tudo que ela desfrutava de único e verdadeiro momento que tivera em companhia daquele alguém que para ela; era tudo. Talvez; outro dia não chegaria mais, e ela precisava abraçar o prazer daquele instante só seu. Momento este, que não voltasse a acontecer e que ela estava sendo pela primeira vez importante naquele diálogo, sendo notada, fazendo parte da vida de alguém, ou seja, se sentindo útil dentro do seu pequenez mundo apagado que começa a ser enxergado. O qual em companhia de seu marido; não passava de uma dona de casa submissa e obediente, a cumprir todos os seus deveres para satisfazer à uma sociedade do mundo mediócre mas real. *“(...) A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro.”* *palavras do personagem Nogueira (...)* (ASSIS, 2002. p. 14).

A pesar de não ser uma mulher “bonita” perante o padrão atribuído da beleza; D. Conceição tinha seu próprio encanto de mulher, era feminina e naturalmente sensual, como é descrita em algumas características físicas. Vejamos:

“(...) Falava emendando os assuntos, sem saber por que, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e veles os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo.” (ASSIS, 2002. p.16).

Machado sempre passa em seus contextos; que a mulher queria dizer algo e fazer algo, que lhes desse alguma satisfação, e prazer. Mas, sua prestação de contas diante da impecável conduta a qual a mulher devesse mostrar ao mundo; impossibilitava qualquer atitude, ou palavra que fugisse às regras e aos padrões sociais. Portanto; ele procurava meios muito sutis para mostrar a alma de uma mulher, e o que ela queria realmente mostrar e esconder. Nessa citação acima: D. Conceição só faltava falar que tivera sempre insônia, e não podia contar com o marido, ou mesmo desabafar com ninguém, por quê não tinha quem a escutasse. Machado de Assis, passa ao leitor toda uma simulação de interpretações, e que muitas vezes são bem claras nos diálogos. Para os leitores que buscam uma leitura minuciosa em suas obras, são com bastante atenção, são capazes de perceber todo contexto real, e identificar cada detalhe que fala o que não está escrito. E em muitos escritos nos passa o que as palavras não são capazes de descrever.

“Se uma página, uma palavra, um verso, me influenciaram, sua força vem de que eles não não fizeram mais do que revelar em mim alguma parte ainda desconhecida de mim mesmo; não foram para mim senão um explicação, sim, uma explicação de mim mesmo. Já se disse que as influências agem por semelhança. Já as compararam a espelhos que nos mostrariam, não o que já somos efetivamente, mas o que somos de maneira latente.”(ASSIS, 1997, pg. 44.).

CONCLUSÃO

Ao realizar essa pesquisa, identifica-se, que Machado de Assis propõe para o leitor que façamos uma análise introspectiva através dessas interrogativas. Ele age como cada um dos personagens feminino em suas obras e nos passa da melhor forma possível sua mensagem literária, no psicológico, econômico e social. O objetivo de estudo dessa análise, é que o leitor possa identificar todos os aspectos psicológico e filosófico do perfil feminino e que serve de referência e aprendizado de outras obras. Neste trabalho foi focado em especial três personagens machadianos: Guiomar, Capitu e D. Conceição.

Onde percebe-se a riqueza de detalhes que mostra como se deve entender dentro de um contexto o que se faz necessário uma visão mais crítica e minuciosa, com intuito de captar o verdadeiro sentido do texto identificando a idéia principal e o que está implícitos. Neste, a preocupação, com a interpretação do psicológico das mulheres machadianas, o que elas mostram em cada conteúdo, chamando a atenção do leitor para explorar sua verdadeira mensagem dentro de cada palavra.

O autor aborda, e entre vários aspectos, o adultério, o qual não foi comprovado na personagem Capitu, que se tornou motivo de polêmica na visão de muitos leitores. No entanto, o perfil específico dessa análise D. “Conceição”, apresenta um psicológico, que mesmo sendo camuflado, mostra tudo que ela gostaria de revelar, e de ter vivido intensamente cada momento de sua vida em sociedade, de forma íntegra, mas, que fosse também realizada e feliz.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de Contos. Escolhidos, TEXTO INTEGRADO. São Paulo: Copyright Editora Martin, Claret, 2002.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro, TEXTO INTEGRADO. São Paulo Copyright Editora Claret, 2005.

ASSIS, Machado de. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova, 1997.

ASSIS, Machado de. O Conto de Machado de Assis: Antologia / org. & informação de BRAYNER Sônia. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CANDIDO, Antônio e CASTTELO, Aderaldo. - Presença da literatura brasileira: história e antologia. 10ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.